



## A PEDAGOGIA DOS DETALHES PARA O TRABALHO COM BEBÊS NA CRECHE A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DE LÓCZY

**Paulo Sergio Fochi**

[paulo.fochi@hotmail.com](mailto:paulo.fochi@hotmail.com)

**Claudia Fernanda Bergamo Drechsler**

[cfb\\_drechsler@hotmail.com](mailto:cfb_drechsler@hotmail.com)

**Patricia Foesten**

[patriciafoesten@gmail.com](mailto:patriciafoesten@gmail.com)

**Carina Cavalheiro**

[cw8scarina@hotmail.com](mailto:cw8scarina@hotmail.com)

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos*

**RESUMO:** Este trabalho objetivou destacar importantes pressupostos para a organização de um cotidiano que acolhe e respeita bebês em contextos de vida coletiva. Foram destacados quatro aspectos fundamentais a partir dos estudos de Emmi Pikler e colaboradoras: (i) o valor da atividade autônoma e do movimento livre, (ii) as atividades de atenção pessoal (iii) o acolhimento e (iv) o brincar dos bebês. Pikler apresenta modos de cuidado, tão necessários para se refletir sobre algo que vem sendo criado recente no Brasil, a docência na creche. A atenção ao cotidiano e às atividades que daí decorrem são o ponto chave para problematizarmos a chegada tão precoce destes bebês na coletividade, garantindo-lhes um ambiente intencionalmente planejado para potencializar as ações espontâneas das crianças, mais cuidadoso, sensível e atento às suas necessidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** creche, pedagogia, Emmi Pikler.

## DIALOGUE AND REFLECTIONS ON THE APPROACH OF EDUCATIONAL REGGIO EMILIA FOR THE FIRST CHILDHOOD

**ABSTRACT:** This study aims to highlight important conditions for the organization of a daily life that welcomes and respects babies in contexts of collective life. Four key aspects from studies of Emmi Pikler and collaborators, were highlighted, namely: (i) the value of autonomous activity and free movement, (ii) the activities of personal attention (iii) the essence of children's reception and (iv): the importance of play for children. Pikler presents important approaches for the child's care and these knowledges are needed to support something that has been recently developed in Brazil, the teaching in the infant toddler center. Attention to everyday life and the activities arising from them are the key to problematize the earliest arrival of these babies in the community, ensuring them an honest space, more careful, sensitive and attending to his needs.

**KEYWORDS:** infant toddler center, pedagogy, Emmi Pikler.

## Notas introdutórias

No Brasil, na última década, o acesso de bebês a espaços coletivos de educação tem crescido significativamente. Esse fato, por um lado, significa a busca pela garantia dos direitos dos meninos e meninas a frequentarem a creche e, por outro, implica em um desafio para a formação de professores que atuarão nesses espaços.

Ao mesmo tempo, ainda não temos acumulado saberes necessários para refletir o que compõem esta “didática dos bem pequenos”, ou, da “didática do fazer” como definem Bondioli e Mantovani (1998, p. 31). Sabemos, no entanto, que muitos daqueles saberes da tradição pedagógica não atendem as necessidades dos bebês e das crianças bem pequenas na creche, tampouco, dos professores. A docência na creche é uma profissão que está por ser inventada.

Por isso, o intuito deste texto é destacar alguns pressupostos que consideramos importantes a serem observadas na organização de um cotidiano que acolhe bebês em contextos de vida coletiva. Tais noções são fortemente atravessadas pelas ideias da pediatra húngara Emmi Pikler e pela suas companheiras de trabalho no Instituto Lóczy, pois acreditamos que este referencial possa contribuir significativamente com as especificidades da ação pedagógica no berçário.

Dentre os diversos aspectos que poderíamos tratar a partir do referencial indicado, escolhemos quatro pontos que consideramos fundamentais, a saber: (i) o valor da atividade autônoma e do movimento livre, (ii) as atividades de atenção pessoal, (iii) o acolhimento e (iv) o brincar dos bebês. Antes de entrarmos em cada um destes pontos, optamos por contextualizar brevemente a trajetória de Emmi Pikler e oferecer ao leitor alguns elementos referenciais para compreender melhor a obra desta importante estudiosa.

## Trajетória de uma pediatra que lutou pelo respeito as crianças

Emmi Pikler nasceu em Viena, na Áustria, em 1902, formou-se em medicina e licenciou-se em pediatria pelo Hospital Universitário de Viena. Depois de trabalhar muitos anos como pediatra e desenvolver sua pesquisa sobre movimento livre, a pediatra foi convidada para assumir a direção do Instituto Lóczy.

Lóczy, mesmo nome da rua onde se localiza o instituto, funciona desde o início da década de 1940 como uma das instituições de acolhimento de crianças órfãs de Budapeste (FALK, 2011). Na ocasião em que Pikler assume a direção, o momento histórico era muito particular, pois tratava-se do fim da segunda guerra mundial. Ao chegar em Lóczy, a pediatra espantou-se com a falta de infraestrutura e com a precariedade do lugar, assim como com a postura dos adultos responsáveis por “acolher” e “cuidar” dos meninos e meninas que ali estavam.

Emmi Pikler já havia verificado em suas pesquisas que intimidade e reciprocidade do adulto com o bebê tem um valor profundo no desenvolvimento integral da criança. Por essa razão, acreditava que o adulto devesse construir o mais alto grau de consciência sobre suas intervenções. Os momentos de aproximação mais íntimos, como o da higiene, do sono e da alimentação, sempre foram pautas importantes na construção dos protocolos de trabalho da pediatra. Para ela, estas situações não poderiam ser processos mecânicos ou deixados em segundo plano para o simples cumprimento da tarefa.

Além disto, a pediatra húngara via o bebê como um sujeito ativo e é ele quem deve atuar nos espaços, com os materiais, nas interações com os outros bebês e adultos, a partir do seu desejo. Pikler não acreditava que o modelo de intervenção direta pudesse acelerar o desenvolvimento do bebê e pensava que, “[...] caso acelerasse, não representaria nenhuma vantagem para sua vida nem para seu desenvolvimento” (Falk, 2011, p. 19).

Aliás, a autora já havia confirmado que a criança que tem liberdade para brincar, correr pelas ruas, jogar, subir em árvores entre outras atividades, sofre menos fraturas e menos traumas do que crianças superprotegidas.

Emmi Pikler estava convencida de que a criança que pode mover-se com liberdade e sem restrições é mais prudente, já que aprendeu a melhor maneira de cair; enquanto que a criança superprotegida e que se move com limitações tem mais riscos de acidentes porque lhe faltam experiências e desconhece suas próprias capacidades e seus limites (FALK, 2011, p.18).

Durante muitos anos, Pikler e uma de suas principais colaboradoras, Dr<sup>a</sup> Judit Falk, construíram no Instituto Lóczy outra referência de atenção à criança. Elas desenvolveram uma filosofia que buscava oferecer às crianças que ali estavam uma experiência de vida que preservava o seu desenvolvimento e evitava as carências que podiam criar-se por causa da ausência dos pais. A experiência de Pikler demonstra um

profundo respeito pela criança pequena e as suas necessidades, revelando pistas importantes sobre o papel do outro, em especial, do adulto.

A partir do trabalho da pediatra no Instituto Lóczy, construiu-se quatro princípios básicos sobre o cuidado com bebês em espaços coletivos (FALK, 2011, p.28), a saber:

A valoração positiva da atividade autônoma da criança, baseada em suas próprias iniciativas;

O valor das relações pessoais estáveis da criança – e dentre estas, o valor de sua relação com uma pessoa em especial – e da forma e do conteúdo especial dessa relação;

Uma aspiração constante ao fato de que cada criança, tendo uma imagem positiva de si mesma, e segundo seu grau de desenvolvimento, aprenda a conhecer sua situação, seu entorno social e material, os acontecimentos que a afetam, o presente e o futuro próximo ou distante;

O encorajamento e a manutenção da saúde física da criança, fato que não só é base dos princípios precedentes como também é um resultado da aplicação adequada desses princípios.

Visionária, Pikler já anunciava o paradoxo da potência e da impotência dos bebês, ou seja, por um lado ela afirmava que os meninos e meninas, mesmo os bem pequenos, são ativos e competentes para eleger as suas próprias atuações, mas, ao mesmo tempo, dependem do outro, da presença presente do adulto que cria bons contextos para que os bebês possam atuar de forma autônoma (FOCHI, 2015b).

Nesse sentido, os saberes construídos por Emmi Pikler em Lóczy, tanto em relação ao papel do adulto quanto dos processos vividos pelas crianças bem pequenas, constituem um repertório importante para pensar a educação das crianças na coletividade.

Pikler reflete sobre as atitudes de cuidado, desde como segurar o bebê até a maneira com que o alimento é dado a criança. Lembrando da necessidade dos gestos amorosos e carinhosos, da calma e da paciência com que se cuida/educa o bebê.

A antecipação dos acontecimentos, prevendo o que irá acontecer com a criança, a preocupação com o olhar, percebendo ela e o seu tempo, pedindo o consentimento dela para a alimentação, para o banho, para os momentos de sono e de troca de fraldas, revela a importância com que a criança é tratada nessa abordagem, ou seja, o bebê é tratado como sujeito.

A sucessora de Emmi Pikler, sua filha Anna Tardos, salienta que existem modos de cuidar de uma criança, que seria denominado como “[...] um encontro real, onde a

criança não é apenas o objeto de tudo aquilo que acontece com ela” (TARDOS, 2011, p.1). Momentos em que ao chamar a atenção da criança, procurar pelo seu olhar, estabelecendo um contato com ela, ou ainda, ajudar com palavras para prepará-lo para o que vai acontecer a seguir, são alguns dos exemplos que a experiência de Lóczy, assegura para as suas crianças.

Pikler faleceu em 1984 e, a partir de 1986, o instituto passou a carregar o nome de sua fundadora, chamando-se então, Instituto Emmi Pikler. Atualmente, este instituto não atua mais como orfanato, mas sim como um importante centro de formação direcionado a professores, médicos, psicólogos e estudiosos do tema da primeiríssima infância e também como uma creche pública.

## Atividade autônoma e movimento livre

Entende-se por atividade autônoma toda e qualquer atividade livre e espontânea “[...] escolhida e realizada pela criança – atividade originada de seu próprio desejo” (TARDOS; SZANTO-FEDER, 2011, p.52).

Na experiência de Lóczy, Pikler nos direciona ao conceito de movimento livre. Através do movimento livre, a criança atinge o completo conhecimento do seu corpo e de suas capacidades, conhece seus limites e assim consegue confiar em si mesma. Nessa perspectiva, as crianças movimentam-se livremente, brincam com tranquilidade, aproveitando os espaços e os materiais, descobrindo a si mesmas e aos demais.

Segundo Tardos e Szanto-Feder (2011, p.48), “para a criança, a liberdade de movimentos significa a possibilidade, nas condições materiais adequadas, de descobrir, de experimentar, de aperfeiçoar e de viver, a cada fase de seu desenvolvimento, suas posturas e movimentos”.

O adulto cria as condições externas necessárias para a criança realizar suas descobertas. Ele dá presença, respeitando a criança com afetividade e tranquilidade, permanecendo no campo de visão dela para que se sinta segura, garantindo o apoio para as suas experiências e conquistas, além de encorajá-la ao movimento livre, de forma autônoma, sem intervenção direta.

Então, para que a criança tenha confiança em si mesma, aqueles que a acompanham, precisam também confiar em suas capacidades. Confiar não significa desejar que a criança chegue em algum lugar determinado pelo adulto, ou, que ela faça

algo já previsto antecipadamente. Mas, estar disponível para que os meninos e meninas possam ir descobrindo as possibilidades do seu corpo e os mecanismos para alcançar seus desejos. Nesse sentido, a construção da autonomia da criança independe da atitude do adulto.

Sabemos que existe uma preocupação dos pais e educadores sobre a necessidade de “ajudar” ou “exercitar” as crianças para que se desenvolvam integralmente. Porém, podemos afirmar a partir dos estudos da pediatra húngara que não existe essa necessidade. Emmi Pikler, percebia em seus estudos e observações que o espaço, o material e o olhar da cuidadora, eram necessários para potencializar o desenvolvimento da criança, pois não se trata apenas de desenvolvimento motor, mas sim, em pensar a criança na sua inteireza.

Refletir sobre os ambientes, o tempo e a intervenção são meios de construir e propor um ambiente favorável para a criança experimentar. Em Lóczy existe a ideia de que a criança pode partir de seu próprio interesse. Defende que a criança é capaz de perceber seu corpo em relação ao contexto que está inserida. Sendo assim irá encontrar uma postura adequada e seu ponto de equilíbrio para poder ajustar-se nas trocas de posições do seu corpo.

Quando o espaço é pensado para a criança, ela constrói repertórios motores que se lembrará mais tarde e de acordo com a sua maturidade, não necessitando de intervenção direta e nem de estímulo, pois o próprio meio a estimula. Ao organizar esses espaços, o cuidador está ofertando uma variedade de aprendizados e conquistas para essa criança. Deixando ela desenvolver por si só sua autonomia.

## As atividades de atenção pessoal

Os pressupostos postulados por Emmi Pikler afirmam que a criança é um ser único, singular e que por isso precisa de cuidados e atenção. É preciso encará-la como uma pessoa com necessidades, expectativas, sentimentos. Um dos temas desenvolvidos pela autora é a respeito das atividades de atenção pessoal (DAVID; APPEL, 2010; FOCHI, 2015a; FOCHI 2015b).

Essas atividades são aquelas relacionadas ao comer, ao descansar, à higiene. São, como próprio nome diz, atividades pessoais dos bebês. Portanto, momento importante e de grande aprendizagem para estes que recém estão chegando na cena humana.

A partir disso, Pikler destaca sobre o cuidado, desde a forma de segurar o bebê até a maneira com que o alimento é dado a criança, chamando atenção para a necessidade dos gestos amorosos e carinhosos, da calma e da paciência com que se cuida e educa o bebê. Tardos (1992, p. 19), nos convoca para o valor educativo da forma como a educadora toca o bebê, pois “a mão do adulto é para a criança uma fonte importante de experiência”.

Além de um toque cuidadoso, outro elemento a ser considerado é a participação das crianças no cuidado do seu corpo. O grau de participação é diretamente influenciado pelo tipo de relacionamento entre educador e o bebê, ou seja, os educadores devem “tratar a criança não como um objeto, mas como um ser humano vivo, assim como devem aceitar a ideia de cooperar com a criança” (HEVESI, 2011, p. 86).

Tomando como exemplo o momento da alimentação. Ao realizar este ato com criança em um espaço de vida coletiva, o adulto precisa estar consciente de que suas ações devem ir no sentido de contribuir para que a criança tome consciência sobre o que está acontecendo, estabeleça relações com a materialidade envolvida, de modo que ela possa ir gradativamente conseguindo executar por si própria. Para que isso ocorra é necessário observar três elementos importantes: (i) enquanto for necessário que o adulto auxilie a criança na alimentação, deverá anunciar as suas ações de modo a antecipar para a criança o que está por acontecer. Também (ii) é importante que um adulto se torne referência para um pequeno grupo de criança, de forma a criar códigos reconhecíveis pelos meninos e meninas dos momentos que estão por vir e, (iii) respeitar o ritmo de cada criança sem antecipar etapas.

A partir desses elementos, constrói-se então uma verdadeira relação pessoal, tornando o cuidar, um momento único, íntimo e pleno de comunicação (FALK, 2011, p. 34).

## **Acolhimento: um cuidado que educa**

Ser segurado no colo, ser abraçado e principalmente tocado são experiências humanas essenciais. O jeito de segurar e tocar, por exemplo, variam conforme as diferentes culturas e exatamente por isso que devem ser pautados na formação dos professores que trabalham com bebês e crianças bem pequenas, uma vez que o toque na infância é um dos cuidados que ajuda a criança a se constituir como sujeito e desenvolver mais confiança nos seus parceiros sociais. O ‘jeito Pikler’ de lidar com o bebê preconiza

a humanização do atendimento aos bebês, no qual é a voz que toca, a mão que pergunta, o tempo que não se interrompe e discorre com calma, numa relação sensível entre professor e bebê.

O colo, as refeições, a troca de fralda, o momento da troca de roupa “[...] são as melhores ocasiões para adultos e bebês estarem juntos de maneira regular” (FALK, 2011, p. 20), são ótimas possibilidades que os bebês terão de observar e interagir com o mundo a partir de um ‘porto seguro’. No contexto escolar quem desempenha este ‘porto seguro’ é o professor, que tem papel fundamental na vida desta criança, pois passará ao seu lado longas jornadas diárias (de até doze horas), e é de responsabilidade deste adulto o bem-estar do bebê, pois a ele caberá decidir de que maneira fará o toque e que tipo de marcas deixará (TARDOS, 1992).

Tardos (1992) indica que o toque entre o adulto e o bebê quando ofensivo, irritante ou grosseiro provoca na criança sentimentos de frustração e acaba por prejudicar a construção do vínculo entre eles. “São as experiências agradáveis adquiridas durante o tempo que passam juntos que enriquecem e diversificam as relações do bebê e do adulto” (TARDOS, 1992, p.01).

Pensar numa nova concepção de criança, de como se dá a educação do bebê é recente e marca os modos de como as escolas e a própria sociedade estão se organizando para atender as demandas destes pequenos sujeitos (BARBOSA; FOCHI, 2015), nesta perspectiva a abordagem Pikler auxilia a escola de educação infantil a se constituir num “privilegiado lugar das crianças” (BARBOSA; FOCHI, 2012, p.2), uma vez que meninos e meninas estão cada vez mais ingressando precocemente às escolas. Por isso precisamos assegurá-los um contexto de vida coletiva que lhes satisfaça suas necessidades vitais, como a alimentação, a troca de fralda, por exemplo, assim como os demais momentos privilegiados de encontro e comunicação entre adultos e bebês presentes no cotidiano escolar.

Para tanto, percebemos que a utilização da abordagem de Loczy se mostra fundamental, pois humaniza o atendimento na creche, valorizando a importância do adulto e a sua relação com a criança pequena, relação esta pautada na força do olhar, da palavra e do toque, demonstrando profundo respeito à primeiríssima infância. Falk (2011, p. 34) afirma que “evitaríamos muitos problemas se, desde o começo, considerássemos o



cuidar como um momento único, íntimo e pleno de comunicação”, elementos fundamentais para construção de uma verdadeira relação pessoal.

A abordagem Pikler baseia-se em princípios que valorizam a atividade de cuidado e na relação afetiva privilegiada que a creche oportuniza. Conhecer os estudos da autora ajuda-nos a compreender a importância das primeiras experiências de vida concreta que ocorrem durante o cuidado cotidiano, sejam elas na hora da alimentação, da troca de fraldas ou no brincar.

## O Brincar dos bebês na creche

“O primeiro brinquedo do bebê é o corpo do adulto que cuida dele” (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p.113), seja ele seu pai, sua mãe ou o cuidador. Brooker e Woodhead (2013, p.17) nos explica que “[...] os bebês aprendem a conhecer a si mesmos e o mundo em que vivem mediante as interações lúdicas com seus primeiros cuidadores”. Ao mamar, por exemplo, o bebê, através da sucção no seio de sua mãe, experimenta o sugar mais forte, a pausa. Busca pegar adereços como brincos, colares, óculos, entrelaça seus dedos nos cabelos. Todas essas interações e experimentações representam maneiras iniciais de brincar.

A mão compõe uma das primeiras descobertas da criança, a qual ela dedica grande parte do seu tempo a observá-la, acompanhá-la com sua cabeça e seus olhos. Chokler (2014, p. 3) descreve que “o descobrimento, primeiro, e a utilização depois, de suas próprias mãos como objeto de exploração e de brincar, constitui um rito fundamental no desenvolvimento infantil”.

O brincar é uma necessidade humana. Ele ocupa o lugar central do aprendizado das crianças desde o nascimento, isto é, quando estão brincando, as crianças estão construindo as “bases” de toda a sua futura aprendizagem. O brincar é a maneira como as crianças se comunicam, indispensável e fundamental para a nossa formação em todas as etapas de nossa vida. Desde pequenos, por meio do brincar, vamos incorporando noções básicas acerca de si mesmos, dos outros e do mundo, aprendendo a dominar e conhecer as partes do nosso corpo e suas funções, a nos orientarmos no espaço e no tempo, a manipularmos, construirmos e estabelecermos relações com os outros.

Os adultos precisam permitir que os bebês e crianças bem pequenas possam ter momentos em que brinquem sozinhos, onde possam aprender por sua própria iniciativa. Ao adulto, compete criar as condições necessárias para que a brincadeira se concretize e tenha uma observação atenta para com o bebê. As crianças que não brincam sozinhas, muitas vezes, costumam apresentar essa dificuldade em decorrência da conduta intervencionista do adulto, onde as tornam passivas e sem iniciativas.

Cabe aqui salientar que a atividade autônoma permite à criança seguir seu próprio ritmo, sua curiosidade, explorar e experimentar a autonomia. Fabrés (2011, p.56) lembra que um dos principais objetivos da educação dos pequenos é “[...] favorecer, facilitar a progressiva aquisição de sua autonomia, para que chegue a ser autônomo como pessoa, que possa ser, fazer e decidir por si mesmo”. Considerando essa perspectiva que reforça o dever da educação em tornar os pequenos seres autônomos, “é necessário que comecemos por respeitar a sua atividade autônoma, sua liberdade de movimentos, seu processo evolutivo, partindo claramente da ideia de uma criança competente desde o nascimento” (FABRÉS, 2011, p. 56).

A autora nos mostra que temos que ter um profundo respeito pelo bebê, sendo ele um sujeito de ação, um sujeito capaz, para quem devemos proporcionar espaços e condições a fim de que ele possa contemplar a sua atividade autônoma e o seu brincar livre para ir progressivamente adquirindo autonomia, favorecendo suas aquisições e sua aprendizagem a partir de seus próprios erros e acertos. Esse brincar vai ao encontro da abordagem Pikler baseada no respeito dos movimentos da criança e uma atitude não intervencionista do adulto, permitindo seu desenvolvimento autônomo.

Além da conduta do adulto, é importante garantir um espaço adequado para que a criança possa gradualmente construir sua liberdade de movimentos e desenvolver o brincar livre, sendo necessário e essencial que haja uma “área do brincar”. Essa área deve ser um local protegido para as crianças que apenas ficam de barriga para cima, outro local para as crianças que já se deslocam ou engatinham e outra área para as que já caminham (KÁLLÓ; BALOG, 2013). É imprescindível que existam esses espaços separados para garantir que todas as crianças tenham o seu momento do brincar livre sem interferir e nem desconcentrar o brincar do outro, para centrarem-se inteiramente na exploração de seus brinquedos/objetos.

O local ideal para que isso ocorra deve ter um solo rígido, sua consistência é vital para o desenvolvimento da mobilidade da criança, onde ela possa fazer suas próprias escolhas e descobertas, movimentando-se e brincando espontaneamente. Será esse chão rígido que vai auxiliá-la a encontrar a posição mais confortável e segura, sem “camuflar” seus movimentos, onde os objetos agem de forma real, rolam quando são lançados, fazem barulho quando jogados contra o solo, o que não seria possível em um solo revestido com espuma ou qualquer outra superfície fofa (KÁLLÓ, BALOG, 2013).

Com este espaço estruturado para o brincar livre, somando a conscientização do adulto de sua postura em relação à criança, devemos proporcionar e oferecer objetos para que o brincar aconteça. Objetos que permitam a realização das experimentações por parte da criança, que façam com que ela, através da sua curiosidade, vá buscar pelo que a cerca.

As autoras Éva Kálló e Györgyi Balog, companheiras de trabalho de Emmi Pikler em Lóczy, trazem em seu livro intitulado como “Los Orígenes del Juego Libre” (2013) um estudo profundo do brincar livre, desde o descobrimento inicial das mãos do bebê, a sua manipulação, a experimentação com objetos e a construção e combinação com os mesmos.

A partir das reflexões de Kálló e Balog (2013), organizamos o quadro abaixo para identificar algumas características de manipulação dos objetos e, por isso, determinadas opções de materiais. Em hipótese alguma tal resumo tem a intenção de apresentar estágios ou períodos determinantes e universais, mas consideramos que são noções importantes para refletir sobre os bebês e suas primeiras experiências.

**Tabela 1 - Quadro Síntese**

|  |   |  |
|--|---|--|
| Primeiros meses de vida                  | Interações lúdicas com a pessoa cuidadora   | Corpo do adulto, como mãos, cabelos, barba, expressões faciais; e adereços dos adultos, como óculos, brincos, colares, entre outros.   |
|  | Observa primeiramente movendo sua cabeça e seus olhos; depois abre, fecha, engancha uma mão na outra.                                 | “Mão do bebê”  |
| Entre 2 ou 3 meses de idade a seis meses | Movimentos de contato com os objetos; as sensações que estes despertam e provocam; Manipulam apenas um objeto de cada vez.            | Objetos que possam pegar parcial ou totalmente com uma só mão: bola de vime, animal ou boneca feitos de tecido sem guizos, argolas pequenas; um pano de algodão suave e colorido, que chame sua atenção; enfim, objetos de pano, borracha, madeira, elementos da natureza e de uso do cotidiano. |
|  | Estica suas mãos para o objeto, o empurra, observa como se move, pega, sente, leva para o rosto, boca e passa de uma mão para a outra |  |
| 6 meses de idade                         | Manipulam os objetos para ver os efeitos e as propriedades físicas sobre os objetos   | Objetos com as mais variadas texturas, de uso doméstico, da natureza, objetos menores para “deixar cair” e servem para encaixar em outros.   |
| 1 ano de idade                           | Manipula mais de um objeto de uma vez; coleciona, agrupa, empilha, encaixa um objeto no outro.  | Continuam os mesmos objetos citados acima e acrescenta cestos, bacias, caixas de sapato, bolsas de tecido, recipientes, tigelas.   |
| 2 anos de idade                          | Escolhem e recolhem os objetos que utilizarão para fazerem construções ou para o brincar simbólico                                    | Os mesmos objetos citados acima.   |

A partir destas informações, acreditamos que fica evidente o quanto o bebê realiza atividades a partir de seu próprio desejo. Perceber tais aspectos nos ajuda a refletir melhor sobre a organização dos espaços para o brincar das crianças, dos materiais disponibilizados e do tempo necessário para que os meninos e meninas bem pequenos possam se descobrir, descobrir seu corpo, suas mãos, o seu entorno, o mundo.

## Utopia do cotidiano: considerações finais

A chegada dos bebês nos ambientes coletivos escolares nos convoca a problematizar e refletir sobre os modos como as instituições estão se organizando para acolher os universos daqueles que recém chegaram. Sonhar com a utopia do cotidiano é o que nos ensinam Emmi Pikler e suas companheiras de trabalho em Lóczy.

A atenção ao cotidiano e as atividades que daí decorrem são o ponto chave para estas autoras, que reforçam o valor das primeiras experiências para a vida dos meninos e meninas. O fato dessas crianças estarem tão precocemente na coletividade escolar é um alerta para perseguirmos modos de funcionamento em que a ideia de “indivíduo” não se perca no excesso do “todos juntos”.

Essa é uma armadilha perigosa e fácil de ser armada dentro das instituições. Seja por compreenderem equivocadamente a ideia de socialização e, a partir desse equívoco, os momentos do cotidiano serem organizados para que os bebês façam todos juntos o tempo todo – hora da higiene, hora da água, hora do sono, hora da alimentação – ou, por não ser reconhecido a complexa tarefa que é tornar-se eu ao mesmo tempo em que se tornam grupo.

O propósito deste texto foi destacar aquilo que consideramos fundamental a ser refletido ao pensarmos na pedagogia da creche. Uma pedagogia que é feita a partir de detalhes, muitos deles, difíceis de traduzir. Considerar as atividades de atenção pessoal um aspecto importante do cotidiano, compreender o valor do movimento livre e das atividades autônomas e, perceber a intensidade e riqueza das brincadeiras dos bebês estruturam não só alguns caminhos para a organização das instituições, mas também, para a própria formação dos professores.

Assim como Pikler enfrentou o desafio de propor um espaço melhor, mais cuidadoso, sensível e atento aos bebês, que também, nós, possamos caminhar rumo a creches que consigam acolher “a complexidade da chegada dos bebês no mundo” (FOCHI, 2015a, p. 53).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FOCHI, Paulo Sergio . O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequenas. In: Fórum Sul de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação. Anais. Caxias do Sul: ANPEDSUL, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1234/318>>. Acesso em 07/10/2015.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FOCHI, Paulo Sergio . Os bebês no berçário: ideias-chave. In: FLORES, M. L. R.; ALBUQUERQUE, S. S. (Org.) Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 57-68. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0663-1.pdf>>. Acesso em 06/06/2015.

BROOKER, Liz; WOODHEAD, Martin. **La primera infancia en perspectiva 9: El derecho al juego**. Reino Unido: The Open University, 2013.

CHOKLER, Myrtha. **Como se juega el niño cuando juega**: las raíces de la actividad lúdica. Disponível em <[http://didacticaeducacioninfantil.wikispaces.com/file/detail/2.+Myrtha+Chokler\\_C\\_m+o+se+juega+e+l+nin+o+cuando+juega+maiatza.pdf](http://didacticaeducacioninfantil.wikispaces.com/file/detail/2.+Myrtha+Chokler_C_m+o+se+juega+e+l+nin+o+cuando+juega+maiatza.pdf)>. Acesso em 26 de fevereiro de 2014.

DAVID, Myriam; APPEL, Geneviève. **Lóczy, uma insólita atención personal**. Barcelona: Octaedro, 2010.

FABRÉS, Montserrat. **No dia a dia, nada é banal, nada é rotina**. Abril, 2011. Disponível em <[http://www2.rosasensat.org/files/infancia\\_latinoamericana\\_1\\_portugues-2.pdf](http://www2.rosasensat.org/files/infancia_latinoamericana_1_portugues-2.pdf)>. Acesso em 20 de abril de 2014.

FALK, Judit (org.) **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. Araraquara: Junqueira&Marin, 2011.

FOCHI, Paulo Sergio. A complexa sutileza da ação pedagógica no berçário. In: PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. **Atravessamentos**: Ensino-aprendizagem de arte, formação do professor e educação infantil. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2015a.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015b.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. O cesto dos tesouros. In: GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HEVESI, Katalin. A participação da criança no cuidado de seu corpo. In FALK, Judit (org.) **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. Araraquara: Junqueira&Marin, 2011.

Diálogo e reflexões sobre a abordagem educativa de Reggio Emilia para a primeira infância

KÁLLÓ, Éva; BALOG, Györgyi. **Los Orígenes del juego libre**. Budapeste: Asociación Pikler-Lóczy de Hungria, 2013.

TARDOS, Anna. La mano de la educadora. In **Revista In-fan-cia**. Barcelona: Rosa Sensat, 1992.

TARDOS, Anna. Emmi Pikler e orientações para os cuidados com os bebês – parte 1. São Paulo, 14 de dezembro de 2011. Disponível em:

<<http://www.educacaodecriancas.com.br/desenvolvimento-infantil/emmi-piklerorientacoes-para-cuidados-com-bebes-parte-1>>. Acesso em 8 nov. 2012.

TARDOS, Anna. SZANTO-FEDER, Agnes. O que é autonomia na primeira infância. In. FALK, Judit (org.) **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. Araraquara: Junqueira&Marin, 2011.

Recebido em: 25/07/2016

Aprovado em: 08/12/2016